

# ENSAIO

## A INFLUÊNCIA DO PROFESSOR-EDUCADOR NA FORMAÇÃO DO TERAPEUTA OCUPACIONAL\*

**Maria Heloisa da Rocha Medeiros**

Doutora em Saúde Mental pela UNICAMP. Terapeuta Ocupacional. Professora Adjunta do Departamento de Terapia Ocupacional da UFSCar

### Resumo:

Um jogo de imaginação em sala de aula revela ansiedades e angústias em relação ao processo de formação profissional e dá pistas para o trabalho do educador. Esta experiência indicou que o professor deveria ser, antes de tudo um educador, no sentido de fazer dessa tarefa um processo de crescimento e de transformações pessoais, ao invés de mera transferência de conhecimentos. Indicou também que o auto-conceito de adequação e de competência é importante para o bom desempenho profissional o que, muitas vezes é inversamente trabalhado nas experiências acadêmicas.

**Palavras-chave:** formação profissional, processo educacional, terapeuta educacional

### INTRODUÇÃO

Enquanto professora de uma área profissionalizante da Saúde, é esperado que eu transmita determinados conhecimentos e técnicas para que, de sua posse, o futuro profissional possa intervir no tratamento e na recuperação da saúde dos indivíduos sob seus cuidados. Tal tarefa é trabalhosa, requerendo que se esteja atuali-

zado sobre as técnicas e métodos mais recentes produzidos na área.

Para mim, no entanto, existe uma diferença fundamental entre ser professora e educadora. Esta, além de transmissora atualizada, deverá responder à formação integral do aluno, o que requer estar afinada ao tempo presente de seus alunos. A educação, como campo de

---

\* Texto baseado no Poster apresentado no V Congresso Brasileiro e IV Simpósio Latino Americano de Terapia Ocupacional, BH, MG, outubro de 1997.

intervenção no social, responde à diversidade dos contextos - históricos, políticos, culturais, etc. - e é fator decisivo na construção de uma cultura.

É como educadora, e não como professora, que quero refletir neste momento: sobre a atividade de ministrar uma disciplina e quais as influências que, tanto o professor como o educador podem estar exercendo na formação de um profissional.

O que muitas vezes acontece é que o professor se prende a um currículo e à ementa de uma disciplina previamente traçados, e o seu programa específico acaba por não atingir o alunato porque, ao elaborá-lo o professor “subtrai” o aluno concreto de cena, e o transforma numa abstração baseada em sua própria “auto referência”.

A elaboração de um programa de disciplina, ao meu ver, deveria contar com a participação ativa dos alunos para que estes, não só se comprometessem com ele, mas também que este pudesse ser o momento de se retomar os interesses, motivações e questionamentos dos alunos, contribuindo assim para um aprendizado do aprender, bem como do aprendizado do pensar. Este é o aprendizado de que nos valeremos numa relação terapêutica futura.

Como diz Paulo Freire, “a educação, qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade”.<sup>1</sup>

Acredito que, com este envolvimento, evita-se que as metas tornem-se estáticas e imutáveis, frustrando e

desgastando tanto o professor como os alunos.\*

É comum perguntarmos, ao início de um Curso de Graduação, quais foram as motivações que os fizeram optar por ele. Mas geralmente estas respostas só valem para matar a curiosidade do professor, ou para constatar algumas diferenças entre as histórias de vida de cada aluno, ao invés de reconhecer que eles não são meras “tábula-rasas” ou “folhas em branco”.

Na minha experiência como docente em Terapia Ocupacional tenho percebido certo círculo vicioso e perigoso que ocorre neste primeiro contato e que continua seguindo pelo curso adentro: são os momentos em que, ao se confrontar com distintas interpretações sobre a profissão, nós professores, tentamos mostrar uma perspectiva diferente da que o aluno trouxe, de tal forma que acaba por reforçar a visão de que a profissão não é valorizada ou reconhecida porque não é bem entendida, e que ela é muito mais do que “se diz por aí”... Isso ocasiona a primeira sensação de derrota no aluno, provocando-lhe uma grande insegurança, pois passa a duvidar até mesmo da sua capacidade de entendimento e de compreensão.

Até mesmo no último ano de curso, ou mesmo já na formatura, a tão famosa pergunta “o que é T.O.?” ainda aparece, mesmo que jocosamente. Isto é preocupante para um profissional que vai passar a ter a responsabilidade de exercer e representar uma profissão que ele ainda não se sente “dono” .

É isso que me leva a pensar o quanto a relação docente-aluno tem contribuído para cultivar esta dependência/ fragilidade dos profissionais. Ao não sabermos lidar com as diferentes condições de percepções, conhe-

<sup>1</sup> FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade*, p. 24, 2a. ed., Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1977.

\* Transpondo ensinamentos da área clínica, concordamos com FIDLER, G. quando afirma: “Líderes autocráticos remetem o paciente para uma posição de dependência, contribuindo para um auto-conceito de inadequação e incapacidade.”(1969).

cimentos e de amadurecimento dos alunos, e ao elaborarmos o nosso Programa de Disciplina excluindo-os desta tarefa, já comprometemos todo o processo de formação desde o início.

#### **Relato de uma experiência:**

Outro dia, fazendo um jogo com meus alunos (2º e 3º anos), pedi que eles se imaginassem dali a 10 anos, e que viessem contar para os então alunos de TO quais tinham sido as suas trajetórias: a) como e por que haviam escolhido fazer Terapia Ocupacional, b) como tinha sido o Curso que fizeram, e c) qual tinha sido seu primeiro trabalho profissional.

#### **As referências, identificações e motivações:**

A maioria teve uma referência boa que o impulsionou a escolher o curso:

*"..(foi) com a Coordenadora do Curso de TO, que colocou seu lado pessoal como TO e com o que trabalhava."(I.)*

*"... disseram-me que era um trabalho muito legal, que utilizava muitos materiais (tintas, lápis, papel, etc.), e que também era uma área com poucos profissionais atuando..."(L.P.R.)*

*"...queria trabalhar com gente, diretamente. E poder também utilizar de atividades, como um recurso, me chamava muito a atenção, ao invés de ficar "só no verbal"."(M.B.)*

*"...a princípio queria ser psicóloga, mas achava tudo muito teórico...Em uma aula (do magistério) sobre Sistema Nervoso, foi passado um vídeo onde aparecia um homem idoso com problemas mentais, realizando uma atividade coordenada por um profissional. Interessei-me pela prática e perguntei para minha professora sobre aquele profissional, e ela então me respondeu que era um terapeuta ocupacional..."(A.B.S.)*

*"... (foi numa) visita num Centro de Reabilitação em Piracicaba. O pessoal lá era muito animado e eu pude ver de perto uma estimulação precoce, que é um*

*trabalho muito bonito. Esta visita me marcou pelo carinho que a mãe fazia no filho, pelos exercícios que a TO ensinava."(T.)*

*"Eu estava intrigada pela grande quantidade de "loucos" que havia no mundo! Intrigada e angustiada... Lembro-me que ao ler o Manual do Candidato, procurando alguma profissão para seguir, uma coisa me chamou a atenção: A Terapia Ocupacional trabalha com os "marginalizados pela sociedade". (E.M.S.)*

*"A terapeuta ocupacional me falou sobre a sua "ferramenta de trabalho", as atividades humanas, descrevendo algumas: pintura, AVD, AVP e muitas outras...me falou também sobre o tipo de clientela: deficientes físicos, mentais, etc.,...se limitou a clínicas particulares, Centros de Reabilitação e Hospitais..."(E.S.K.)*

*...Mas também tiveram as "más referências" e processos "doídos" de identificação:*

*"...Animaram-me a prestar o vestibular e (aconselharam) a não desanimar quando não reconhecessem o trabalho da TO, ou falassem que eu só estaria "ocupando" o paciente..."(F.M.B.)*

*"Era uma vez uma criança que sonhava com um mundo em que todos eram felizes. Um adolescente que queria ser feliz e que adotava como lema: "se você quer fazer alguma coisa, sonhe com o impossível"...Ao longo deste caminho encontrei muitos instrumentos, verdadeiras armas nesta batalha. Um dos mais poderosos é a Terapia Ocupacional. Profissão que batalhava um lugar ao sol, impregnada pelo modelo reducionista de saúde, falava em "ver como um todo um ser biopsico-social". A este tempo nem os próprios terapeutas imaginavam a profundidade e abrangência de sua formação."(J.O.)*

*"Minha "viagem" com TO começou numa busca incessante em mim, sobre o que fazer da vida... me apaixonei pela causa por querer descobrir as coisas que circundam o LOUCO, talvez por me sentir um pouco louca, aliás todos somos, é claro que com muitas diferenças."(I.)*

#### **Como foi o Curso de Graduação para eles?**

O Curso, na maioria das vezes, se mostrou como uma barreira muito grande para se adaptar e para conti-

nuar seu próprio desenvolvimento. Era referido como “muito teórico” o que os levava a questionar inúmeras vezes o que era aquilo, e porque ainda continuavam lá. Só não tinham coragem de abandoná-lo por causa dos pais, amigos, por comodismo ou medo de se arriscar em outro caminho.

*“Caí de pára-quedas” no Curso....Percebi o quanto era mínima a minha noção sobre TO.”(A.B.S.)*

*“O Curso foi bom, muito teórico. Entrei no Curso esperando ser um curso mais prático do que foi.”(T.)*

*“No Curso me deparei com o outro lado da TO, seus fracassos, seus buracos e também com o lado bom da profissão que é a questão do reabilitar e o despertar da criatividade...”(I.)*

*“Estava entusiasmada pelo curso, mas ao mesmo tempo apreensiva e cheia de dúvidas! O que eu ira fazer? ou melhor, como fazer?”(E.M.S.)*

*“Percebi que o trabalho que eu imaginara fazer, ao entrar na faculdade, era muito mais complexo do que eu pensava. Passei por várias “crises de identidade profissional”, sobre o que eu faria e sobre o valor social do meu trabalho. Saí sem a menor idéia de que tipo de emprego seria de igual desafio para mim...”(F.M.B.)*

*“Nos primeiros anos do curso sentia muita dificuldade em definir o que era Terapia Ocupacional para aqueles que me perguntavam. Isso aos poucos foi se reduzindo com as disciplinas aplicadas, e fui tendo um contato mais intenso “com a prática. Muitas dúvidas haviam terminado, assim como muitas dúvidas novas surgiram... Terminar o curso de TO na UFSCar foi muito difícil, pois problemas ocorreram e quase me transferi para outra universidade e outro Estado.”(E.S.K.)*

*“Bom, mas graças a Deus concluí a graduação em 1998!”(E.M.S)*

*“...Entre matérias básicas (da “medicina” e psicologia) e diretamente relacionadas à Terapia Ocupacional, aos meus conhecimentos foram sendo acrescentadas mais dúvidas!”(A.C.)*

## **Entrando no mercado de trabalho: (os sonhos ou pesadelos?)**

O 1º trabalho escolhido por eles geralmente era mágico, isto é, algo grandioso (numa super clínica, num grande hospital, etc.), ao mesmo tempo muito difícil (não se sentiam preparados, reconhecidos). Alguns ainda indicaram que foram apadrinhados por alguém (pais, um médico genial, etc.). Em suma, era preciso muito esforço ainda para se sentirem realizados: Cursos de Especialização, Estágios no exterior, ou anos de luta...Estes relatos me provocaram uma dor: a de ver esse sofrimento sendo prolongado por muito tempo...

*“Saindo da faculdade fui abençoada com o convite para trabalhar em um hospital recém construído, em 1998...”(A. R.)*

*“A cidade, apesar de se mostrar curiosa sobre o que era TO, tinha uma cultura meio “fechada”. Eram pessoas resistentes a mudanças e novidades. Já estava ficando desesperada quando apareceu uma médica psiquiátrica, que havia participado de todos os trabalhos que promovi, e que ficou interessada em montar uma proposta de trabalho num hospital psiquiátrico...”(F.M.B.)*

*“Tive dificuldade no começo, por falta de reconhecimento da profissão. Lá fora a TO é mais reconhecida. ...Fui estudar a deficiência visual na Espanha e quando fui trabalhar, realmente, trabalhei num instituto especializado em deficiência visual”.(T.)*

*“...depois que me formei fiz alguns cursos de Expressão Corporal, Terapia de Corpo, fazendo uma ponte com o indivíduo louco - como despertar no indivíduo louco o corpo, o seu próprio corpo.”(I.)*

*“Saí da faculdade formada e pensei: “Agora estou sozinha.” E aí? E aí chorei, chorei e chorei. Meu primeiro emprego foi em um grande Centro de Reabilitação, no sul do país, trabalhando com crianças portadoras de deficiências graves. Foi um trabalho super difícil, que exigiu muito de mim como profissional e como pessoa....Hoje, depois de ter trabalhado em várias áreas, feitos muitos cursos, estágios no exterior, consegui perceber melhor a profissão e o meu papel dentro dela. Mas, a pergunta “O que é, realmente, TO?” vai me acompanhar por muito tempo, pois a cada*



*dia descubro coisas novas a se acrescentar....”(L.P.R.)*

### Refletindo...

Penso que estas falas ilustram bem as angústias emergentes dos alunos que, se não trabalhadas, repercutirão no desempenho futuro dos profissionais. E se pensarmos como fica a representação interna da Terapia Ocupacional para esses profissionais tão frágeis, não é de se admirar que o círculo vicioso vai se perpetuar um bocado...

“É preciso sonhar  
mas com a condição de crer em nossos sonhos  
de examinar com atenção a vida real  
de confrontar nossa observação com nosso sonho  
de realizar escrupulosamente nossa fantasia.”  
(Lenin)

Esta experiência indicou que o auto conceito de adequação e de competência é importante para o bom desempenho profissional o que, muitas vezes é inversamente trabalhado nas experiências acadêmicas.

O professor-educador deve levar em consideração a perspectiva do aluno de modo a poder partilhar com ele o seu momento de criação, experimentos, expressão. A tarefa do professor-educador é “especialmente difícil porque se não deve exercer a autoridade de modo que subjuguem, também precisa apresentar justamente aquela dose de autoridade que compete à pessoa adulta e entendida perante a criança”.<sup>2</sup>

Assim, eu acredito que o professor deveria ouvir muito mais os alunos nas suas “entrelinhas”, no seu dizer não verbal, antes de considerá-lo um desinteressado, malandro ou trapaceador. Talvez deveria se sentar mais um pouco nos bancos da Escola para aprender novamente a ser humilde, paciente e saber aguardar o tempo

<sup>2</sup> JUNG, C. G., *O desenvolvimento da personalidade*, p. 60, Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1981.

de amadurecimento e processamento do conhecimento. Deveria ser, antes de tudo um educador, no sentido de fazer dessa tarefa um processo de crescimentos, expressões e de transformações pessoais, ao invés de mera transmissão de conhecimentos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FIDLER, G., FIDLER, J., *Terapia Ocupacional: Um processo de comunicação*, New York, Macmillan, 1963.
- FREIRE, P., *Ação cultural para a liberdade*, 2a. ed., Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1997.
- JUNG, C. G., *O desenvolvimento da personalidade*, Vozes, Petrópolis, R. J., 1981.
- MOREIRA, A.A.A., *O espaço do desenho: a educação do educador*, ed. Loyola, Col. Espaço, n. 04, São Paulo, 1984.

### ABSTRACT

To play an imagination game in class room may reveal students anxieties and anguishes in the process of professional education and it gives some feed-back for the educator's work. This experience had indicated that the lecturer should be, first of all an educator, in the sense of helping the students to deal with their personal growth process, instead of being just a person of "knowledge transference". It also indicated that the self-concept of adaptation and competence is important for a good professional practice that, many times is brought up inadequately in the academic experiences.

**Key words:** professional education, educational process; occupational therapist